

ACIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE FREUDIANA: UM DEBATE À LUZ DA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

Rafael Dantas*

Caroline Vasconcelos Ribeiro**

RESUMO —

PALAVRAS-CHAVE: *Ciência Natural, Freud, Heidegger;*

Na obra Seminários de Zollikon encontramos os conteúdos de palestras ministradas por Heidegger a psiquiatras e estudantes de psiquiatria suíços. Esta obra é composta pelas atas dos referidos seminários (1959-1969), além de diálogos taquigrafados entre o filósofo e o psiquiatra Medard Boss (1961-1972) e de cartas trocadas entre os dois no período de 1947 a 1971. Ao longo dos seminários, Heidegger (2009) tratou de estabelecer as diretrizes para a desconstrução da teoria psicanalítica, tomando como base de sua argumentação a compreensão do homem enquanto Dasein (ser-aí), oriunda da analítica existencial formulada na obra em Ser e Tempo (1997).

O ponto de partida desta desconstrução foi a indicação heideggeriana de que a dimensão mais fundamental do existir humano não se ancora na representação de objetos e sim na compreensão pré-teórica dos entes que estão no mundo. Em suas palestras na Suíça, Heidegger afirmou que a ciência psi-

* Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, E-Mail: rafaelsdantas@yahoo.com.br.

** Orientadora: Dr^a Caroline Vasconcelos Ribeiro, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, E-Mail: carolinevasconcelos@hotmail.com.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Tel./Fax (75) 3161-8265 – BR 116 – KM 03, Campus – Feira de Santana/BA – CEP 44036-900.

canalítica é formulada com base num saber que não considera este elemento fundamental da existência humana e que, em consequência disso, não é totalmente adequada para pensar os fenômenos humanos, saudáveis ou patológicos. Na medida em que aponta a inadequação da Psicanálise para abordagem do ser humano, o filósofo enfatiza que a teoria psicanalítica é elaborada com base no método arquitetado para as ciências naturais, tributário da metafísica moderna, o que equivale dizer que a psicanálise freudiana é uma ciência natural. Trataremos, no presente artigo, de evidenciar a fundamentação epistemológica desta polêmica posição heideggeriana.

Em sua teoria psicanalítica, Freud (1996a) entende o funcionamento psíquico em analogia a um artefato ou a uma máquina. Alicerçado pela visão de mundo oferecida pelo método científico-natural, Freud concebeu o psiquismo como um aparelho mobilizado por forças pulsionais que se dirigem a objetos, sejam do mundo externo, sejam do próprio corpo. No contexto da teoria freudiana, essas cargas de energia endossomática (pulsões) circulam no interior deste psiquismo-aparelho, e, muito embora não possam ser medidas, funcionam, por analogia, à maneira de uma carga elétrica ou hidráulica porque são formuladas a partir de características quantitativas, ou seja, podem diminuir, aumentar, se deslocar, se converter, descarregar, etc. De acordo com Garcia-Roza:

O que o aparato psíquico recebe a partir da exterioridade (e neste caso tanto o mundo externo quanto o corpo são exteriores) é Q (quantidade) dispersa e de magnitude diversa, e a função do aparato é ordenar este caos de intensidades dispersas, transformá-las e tornar possível a ação específica a fim de evitar um acúmulo de tensão interna. (GARCIA-ROZA, 1995, pp. 83-84)

Para Heidegger (2009), este procedimento explicativo do funcionamento do aparato anímico tem como principal fundamento a determinação teórica da essência humana enquanto ente da natureza, e afina-se com os procedimentos elaborados para as ciências naturais. A proposição da existência de cargas energéticas, bem como do aparelho psíquico e suas funções de acúmulo e descarga de energia, não derivam da observação

empírica dos fenômenos psíquicos, mas são definidos enquanto conceitos especulativos auxiliares, constructos que são formulados para explicar fenômenos empíricos. O uso de tal expediente, como veremos, é comum ao campo das ciências naturais.

No livro *O método especulativo em Freud*, Fulgencio (2008) nos assegura que o uso de construções auxiliares, ou ficções, é algo autorizado pelo programa kantiano para a pesquisa nas ciências da natureza. Os conceitos especulativos auxiliares podem se aplicar à matéria empírica por meio de analogias e, apesar de não serem verificáveis na empiria, podem ser úteis para a explicação de fenômenos empíricos. Enquanto herdeiro deste modo de compreender a ciência da natureza, Freud oferece a imagem de um psiquismo a partir de analogias a aparelhos e máquinas. Além disso, o pai da psicanálise postula que existe uma força constante que faz com que este aparelho trabalhe. Trata-se da pulsão que é pensada em analogia a forças físico-químicas (Freud, 1996b).

Na obra *Esboço de psicanálise*, Freud (1996c, p.172) esclarece que os processos que interessam à sua ciência são tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam a Química ou a Física, mas adverte que é possível estabelecer as leis a que obedecem. Quer dizer: apesar de lidar com constructos não verificáveis na empiria – inconsciente, aparelho psíquico, pulsão, etc – Freud se empenha em estabelecer as leis que regem o funcionamento do psiquismo, tornando-o explicável. O pai da psicanálise argumenta que, para o progresso de sua ciência, precisou construir conceitos especulativos auxiliares, tanto quanto o físico e o químico precisaram em seus campos de saber. Um exemplo dessa opção metodológica é dado por Fulgencio em relação ao conceito de força na física:

É assim, por exemplo, que o conceito de força, que é apenas uma ideia sem correspondente (referente) empírico, é tomado como se tivesse uma realidade análoga à da pressão que sentimos quando algo toca nosso corpo ou quando colocamos o nosso corpo em movimento. (FULGENCIO, 2008, p. 368)

O aparelho psíquico e a pulsão que o mobiliza são constructos sem correspondência empírica, ou seja, são ficções explicativas tal como o conceito de força elaborado pela física.

Como nos informa Loparic (2003, pp. 05-06), os conceitos puros da razão, sem referentes empíricos, são denominados por Kant como ideias. Tais ideias não encontram equivalência na realidade fenomênica, mas servem para organizar o que se apresenta nessa realidade. De acordo com Heidegger (2009), Kant entende que a natureza deve responder no modo da legalidade, ou seja, deve responder à necessidade de estabelecimento de leis. Sendo assim, cabe à ciência, de inspiração kantiana, estruturar os fenômenos numa cadeia de determinações causais, sem lacunas, ainda que, para isso, tenha que lançar mão de conceitos puros da razão (as ideias). Para organizar objetivamente os fenômenos, a ciência força a natureza responder em conformidade com leis universais.

Com o objetivo de enquadrar o seu saber no rol das ciências de seu tempo, Freud empreende uma busca das leis que regem o funcionamento psíquico. O conceito de inconsciente e a suposição de tensões pulsionais que se estabelecem no interior dessa instância do aparelho psíquico são exemplos do uso, pelo pai da psicanálise, de elementos que atuam como fator causal na formação de sintomas, atos falhos e sonhos. No texto *Determinismo, crença no acaso e superstição* – alguns pontos de vista, Freud (1996d, p. 250) defende que não existem arbitrariedades na vida psíquica, sendo assim, afirma que sua convicção o informa que a motivação consciente não se estende a todas as nossas decisões motoras, por isso sugere que boa parte dos fenômenos psíquicos são constituídos por uma motivação inconsciente. Com a suposição dessa motivação inconsciente, diz Freud, “(...) o determinismo prossegue ainda sem nenhuma lacuna” (FREUD, 1996d, p.250).

A ausência de lacunas, a pretensão de estabelecimento de leis e a certeza de um determinismo regendo a vida psíquica são elementos que certificam a identidade científica de Freud. A observação científica do campo específico da psicanálise é fundamentada na pré-suposição de segurança e legalidade oriundas da legitimidade de seu saber. Enquanto herdeira da metafísica moderna, a observação científica fundamenta-se na pré-suposição da possibilidade de acesso à realidade objetiva das coisas, constitutiva de um modo de conceber a estrutura

ontológica do mundo (HEIDEGGER, 2009, p. 61). Trata-se do modo moderno de apreender tudo o que há como objeto, como algo passível de explicação.

Para Renato Mezan, Freud se serve das garantias modernas, cujo corolário é a crença na legalidade da natureza, na racionalidade do real. Na obra *Que tipo de ciência é, afinal, a psicanálise?* Mezan afirma:

Primeiramente, toda *Weltanschauung* se caracteriza por uma ‘suposição fundamental’, e a ciência também comporta uma, embora Freud não a mencione explicitamente: trata-se da crença na racionalidade do real, ou seja, na existência de leis que governam os fatos e de causas que o determinam segundo essas leis. Essa crença tem um corolário: em princípio, está ao alcance da inteligência humana descobrir tais causas e formular tais leis. (MEZAN, 2007, p. 325)

Neste modelo de cientificidade, a suposição fundamental da objetividade do mundo adquire importância decisiva, no sentido de garantir a possibilidade de mensuração do que é antecipadamente posto como o real, a partir de um procedimento calculador. Este procedimento, como indica Heidegger, consiste no método, que não apenas antecede, mas também fundamenta as ciências particulares que se dispõem à investigação objetiva dos entes. Tais entes são abordados em um âmbito de observação delimitado por um esquema categorial, decodificados numa inequívoca cadeia de relações causais. O calcular e o mensurar, diz Heidegger nos *Seminários de Zollikon*, só é possível quando a coisa – o fenômeno – é pensada como um objeto e teorizada em sua objetividade. (HEIDEGGER, 2009, p. 135). Ao dizer isso, o filósofo ressalta que o calcular não se reduz a uma operação numérica, mas equivale a um “contar com” que obriga o ente a responder às condições de objetividade. Na perspectiva heideggeriana, todo ente, com o qual desde sempre “já se conta”, deve mostrar-se como objeto. (HEIDEGGER, 2009, p. 135)

No caso específico da Psicanálise, o objeto de investigação é o próprio ser-homem em suas relações com o mundo e com os outros. Do que foi dito depreende-se que o psiquismo do ser humano é determinado, em Freud, por leis gerais que regem o

funcionamento da vida psíquica. É precisamente no emprego desta suposição que repousa a possibilidade de a psicanálise freudiana se estruturar enquanto ciência. A ciência de Freud “conta com” a possibilidade de explicar o psiquismo como um aparato composto por instâncias e mobilizado por forças pulsionais. Segundo Heidegger (2009), Freud – ao visar investigar as leis causais que regem os fenômenos psíquicos – ergueu sua psicanálise num solo fecundado por garantias postuladas pela metafísica moderna, quais sejam: a objetividade do real e sua subordinação a uma legalidade, a leis explicativas. A partir da seguridade destas garantias coube ao saber psicanalítico a tarefa de produzir um conhecimento teórico que fosse capaz de organizar os dados psíquicos numa cadeia de relações causais sem lacunas e com vistas à totalidade explicativa. Sobre este esforço, Fulgencio (2003b) comenta:

Neste trabalho metódico, há uma parte que se refere à escolha e à delimitação do que é importante ser considerado no campo dos fenômenos e outra, que corresponde ao uso de um conjunto de conceitos auxiliares [metapsicológicos], que ajudam a relacionar e organizar os fatos na busca da resolução dos problemas. Com o auxílio destas ficções, Freud espera obter um controle do material empírico de modo que ele possa procurar as explicações que venham completar as lacunas que ficam no entendimento dos fenômenos quando o cientista fica restrito apenas ao campo descritivo, buscando, pois, descobrir séries completas sobre as determinações causais que os produzem. (FULGENCIO, 2003b, p. 05-06)

Como mencionamos acima, o corpo teórico da psicanálise é composto por dois elementos: uma estrutura baseada nos conceitos empíricos e uma superestrutura modulada a partir de conceitos especulativos. Entre os conceitos especulativos, repetimos, se incluem os conceitos de pulsão, inconsciente e aparelho psíquico dividido em instâncias (consciente, pré-consciente e inconsciente, posteriormente reformulado em id, ego e superego), entre outros. No texto *Um estudo autobiográfico*, Freud (1996f, p.38) esclarece que tais conceitos ou ideias “(...) fazem parte da superestrutura especulativa da psicanálise, podendo ser abandonada ou modificada, sem perda ou pesar,

no momento em que sua insuficiência tenha sido provada”. Tomando como exemplo, no texto em comento, a tentativa de retratar o aparelho psíquico como sendo constituído de grande número de instâncias ou sistemas, Freud adverte que tal postulado não implica qualquer relação com a anatomia do cérebro. Quer dizer: trata-se de um constructo especulativo que serve para explicar fenômenos empíricos, mas que não se localiza na empiria. O descarte ou a troca deste tipo de conceito por outro mais adequado a novas descobertas é legítimo porque se trata de um termo oriundo da superestrutura e não da estrutura fundamental da psicanálise, a qual é baseada na observação e descrição de fenômenos clínicos. O saber psicanalítico, composto por estes dois elementos, tem a função de explicar as causas responsáveis pela formação dos sintomas, dos sonhos, atos falhos e propor uma possibilidade de cura.

No texto A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias, Fulgencio (2002) afirma que a suposição da existência de forças psíquicas em conflito no interior de um psiquismo, responsáveis pela produção dos sintomas, não deriva diretamente da observação. Ainda que conflitos sejam reconhecíveis e observáveis na clínica, não se pode concluir, diz o autor, que forças psíquicas sejam dados empíricos. Como vimos anteriormente, a ciência paradigmática quanto ao rigor e aos métodos, a física, se serve de conceitos especulativos como, por exemplo, a noção de força. O equivalente a esse conceito na psicanálise é o conceito de pulsão. Isto se confirma com a passagem da obra *A pulsão e seus destinos* na qual Freud (1996b, p.124) afirma que a natureza das pulsões consiste em elas serem forças constantes (*konstante Kräfte*), isto é, forças motrizes atuantes no interior do aparelho psíquico. Para Fulgencio, “a concepção de forças psíquicas como sendo a causa dos fenômenos psíquicos é uma analogia cuja eficiência, para Freud, justifica o uso” (FULGENCIO, 2002, p.39).

Ao deparar-se com lacunas na explicação dos fenômenos clínicos, Freud, de acordo com Barretta (2010, p.160) elabora conceitos que se referem: 1) à espacialização do psiquismo (a sua divisão em instâncias, sistemas, etc.), 2) à quantidades de excitação (afeto, libido, pulsão, princípio de constância, etc.);

3) à interação de forças em conflito (os diferentes dualismos pulsionais, conflitos entre as diferentes instâncias psíquicas, princípio de prazer e de realidade, etc). O intuito do pai da psicanálise consiste em estabelecer correlações entre conceitos empíricos e auxiliares (especulativos), posto que a utilização de convenções auxiliares é imprescindível para a explicabilidade de determinados fenômenos. Como afirma Barretta no texto Freud explica: a concepção de ciência em Freud:

Segundo o ponto de vista de Freud, não é possível evitar a introdução de conceitos (auxiliares), convenções, nas explicações científicas. Esses conceitos não são, contudo, aleatoriamente escolhidos, mas devem ser construídos (ou ‘inferidos’) nas lacunas dos dados empíricos. (BARRETTA, 2010, p. 158)

A conformidade da teoria psicanalítica aos dois fundamentos básicos das ciências naturais, a saber, aceitação da possibilidade de “contar com” a racionalidade do real e a aplicação metodológica de constructos especulativos que servem para ordenar o material empírico, nos permite afirmar, com Heidegger, que a constituição do saber psicanalítico é promovida sobre uma perspectiva naturalizante, segundo a qual a única possibilidade de acesso ao psiquismo residiria na formulação de leis e princípios gerais que o regem. Em função disso, Freud admite que a hipótese de um aparato psíquico está a serviço de colocar a psicanálise “(...) em bases semelhantes às de qualquer outra ciência, tal como, por exemplo, a física.” (FREUD, 1996c, p. 225).

Essa comparação freudiana em relação à física relaciona-se com a formação científica do pai da psicanálise. Em seu artigo Kant e as especulações metapsicológicas em Freud, Fulgencio (2003b) afirma que Freud completou sua formação numa linha de investigação que “(...) prescreve o uso de um método de pesquisa no qual se associam construções auxiliares especulativas com a apreensão e sistematização dos dados empíricos”. (FULGENCIO, 2003b, p. 05) Essa formação intelectual se deu sob a influência de um abrangente movimento científico conhecido como a escola de medicina de Helmholtz, cuja perspectiva metodológica adotada para a explicação dos fenômenos e suas causas é a dinâmica, a qual estabelece a interação de forças em conflito como um quadro a partir do qual as explicações são procuradas. Como

afirma Barretta (2010, p.155), tais explicações visam encontrar leis determinadas num encadeamento racional, ou seja, essa perspectiva de análise pressupõe forças físico-químicas como responsáveis pela matéria e por seus movimentos. Em relação ao aparelho psíquico, a força que equivale a esta pressuposta pela escola de Helmholtz é a pulsão.

Em função da marcante presença de elementos fisicalistas no fazer científico de Freud, podemos concluir, com Heidegger, que o pai da psicanálise se enquadra no rol dos cientistas naturais do seu tempo. Aliás, essa foi a grande pretensão e meta do psicanalista. À luz das provocações filosóficas de Heidegger, investigamos a identidade epistemológica de Freud e concluímos nosso trabalho seguros de que o esforço freudiano para que a psicanálise alcançasse o estatuto de ciência natural foi exitoso.

THE SCIENTIFICITY OF FREUDIAN PSYCHOANALYSIS: A DEBATE IN THE LIGHT OF MARTIN HEIDEGGER'S PHILOSOPHY

ABSTRACT —

KEYWORDS: *Natural Science, Freud, Heidegger;*

REFERÊNCIAS

BARRETTA, João Paulo. Freud explica: a concepção de ciência em Freud. In: IDEIAÇÃO, Feira de Santana, n. 22, v. II, p. 143-171, jan./jun. 2010.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. V, 1996a.

_____. A pulsão e seus Destinos. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XIV, 1996b.

_____. Esboço da psicanálise. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Imago Editora. Vol. XXIII, 1996c.

_____. Determinismo, crença no acaso e superstição – alguns pontos de vista. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol VI, 1996d.

_____. O Inconsciente. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XIV. 1996e.

_____. “Um estudo autobiográfico”.in: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996f. Vol XX.

FULGENCIO, L. As Especulações metapsicológicas de Freud. In: Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise. São Paulo: EDUC, vol. 3.n 1, 2003^a.

_____. A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Ano V, nº 4, dezembro de 2002.

FULGENCIO, L. “Kant e as especulações metapsicológicas em Freud”. In: Kant e-Prints – Vol. 2, 2003b

_____. O método especulativo em Freud. São Paulo: EDUC, 2008

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana – artigos de metapsicologia, 1914 – 1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro, Zahar, vol 3, 1995.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Trad. Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Seminários de Zollikon. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2009.

_____. Que é metafísica?. In: Conferências e escritos filosóficos. (Coleção Os pensadores). Tradução Ernildo Stein. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973

JONES. E. Vida e obra de Sigmund Freud. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Editora Guanabara, 3ªed, 1979

LOPARIC Z. As duas metafísicas de Kant. In: Kant e-prints, vol 2, n 5. 2003.

_____. A máquina no Homem in: FULGENCIO, L. e SIMANKE, R. (org). Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo: Escuta, 2005

MEZAN, Renato. Freud, a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva, 5º ed. 2011.

_____. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? In: Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise. São Paulo: EDUC, vol. 9 jul.-dez. 2007.

